



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA  
CURSO DE GEOGRAFIA

VINICIUS DELFINO SIQUEIRA

**HQ NO LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA: ENTRE A  
LINGUAGEM E A APRENDIZAGEM**

**CAMPINA GRANDE-PB  
AGOSTO DE 2017**

**VINICIUS DELFINO SIQUEIRA**

**HQ NO LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA: ENTRE A  
LINGUAGEM E A APRENDIZAGEM**

**Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sônia Maria de Lira**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Unidade Acadêmica de Geografia como  
requisito para obtenção do título de Licenciado  
em Geografia, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>  
Sônia Maria de Lira

**CAMPINA GRANDE-PB  
AGOSTO DE 2017**

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG**

S618h	<p>Siqueira, Vinícius Delfino.</p> <p>HQ no livro didático de Geografia : entre a linguagem e a aprendizagem / Vinícius Delfino Siqueira. – Campina Grande, 2017.</p> <p>51 f. il. : color.</p> <p>Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2017. "Orientação: Profa. Dra. Sônia Maria de Lira".</p> <p>Referências.</p> <p>1. Histórias em Quadrinhos. 2. Livros Didáticos – Ensino de Geografia. I. Lira, Sônia Maria de. II. Título.</p> <p>CDU 37:741.5(043)</p>
-------	---



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA  
CURSO DE GEOGRAFIA

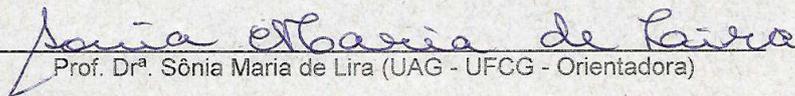
FOLHA DE APROVAÇÃO

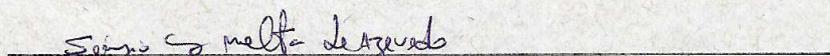
BANCA EXAMINADORA DE: VINÍCIUS DELFINO SIQUEIRA

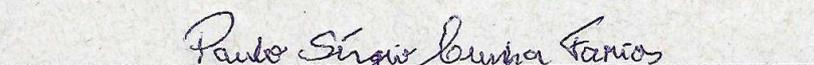
TÍTULO: HQ E GEOGRAFIA ESOLAR: ENTRE A LINGUAGEM E A  
APRENDIZAGEM

MEMBROS DA BANCA

Campina Grande (PB), 14 de agosto de 2017.

  
Prof. Dr<sup>a</sup>. Sônia Maria de Lira (UAG - UFCG - Orientadora)

  
Prof. Dr. Sérgio Luiz Malta de Azevedo UAG/UFCG (Examinador Interno)

  
Prof. Dr. Paulo Sérgio Cunha Farias (UAEEd - Examinador Externo)

## DEDICATÓRIA

Eu dedico este trabalho a todos os profissionais da educação, que mesmo sabendo que fazem parte de uma das classes trabalhistas menos valorizadas do país, continuam desempenhando seu grande papel na sociedade: O de construir o conhecimento, afinal, um ser pensante torna-se o maior inimigo de qualquer governo corrupto.

## AGRADECIMENTOS

São tantas pessoas que fizeram ou fazem parte nesta primeira etapa de minha jornada, em que eu não poderia deixar de começar pela minha orientadora Sônia, que tanto contribuiu com novas maneiras de observar o mundo docente, despertando meu interesse em trabalhar temáticas do ensino, principalmente com os grupos de minorias em nossa sociedade repleta de desigualdade. Além disso, minha pesquisa só pode ser realizada graças a sua imensa contribuição, pois mesmo em meio a tantas ideias ainda soltas, precisando de uma estruturação para que pudesse ter andamento, permitindo-me chegar até aqui.

Agradeço também aos professores Luiz Eugênio, Sérgio Murilo, Janaina, Débora, Martha Priscila e Zenon, por serem profissionais que vou levar pelo resto da vida. Em especial, sou grato aos professores Lincoln e Thiago que além do conhecimento, me deram carona por várias vezes. Em memória agradeço também o professor Berto, porque mesmo ministrando uma das disciplinas pela qual tive mais dificuldades, me proporcionou ricas discussões durante as aulas de Política Educacional.

Não poderia deixar de agradecer também aos professores Paulo Sérgio e Sérgio Malta por disponibilizarem um pouco de seu tempo, aceitando o convite para participarem de minha banca avaliadora.

Um agradecimento em especial também vai para Angélica Mara, uma pessoa que conheci ainda como professora substituta, e que logo ficamos bem próximos, tornando-se uma grande amiga. Além disso foi a primeira pessoa que me incentivou iniciar minhas produções acadêmicas, já visando a temática que realizei em minha pesquisa.

*Não precisa mudar tudo imediatamente. Você deve progredir com calma. Mesmo que o processo seja lento, toda caminhada começa com o primeiro passo.*

*O passo em direção ao futuro!*

*(Lucy Heartfilia)*

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Aquecimento Global.....	20
Figura 02: HQs e os Fenômenos Naturais.....	24
Figura 03: Soldados Sendo Recrutados e Arsenais Bélicos.....	25
Figura 04: Capitão América Nocauteia a Alemanha.....	26
Figura 05: Jeeniffer Waltters e a Corrupção.....	27
Figura 06: Pantera Negra e a Política de Wakanda.....	28
Figura 07: A Cartografia de Mafalda.....	29
Figura 08: Luke Cage e Tempestade e os Jovens Viciados em Drogas.....	30
Figura 09: Destruição Cotidiana.....	31
Figura 10: Degradação do Meio Ambiente e Renovação.....	32
Figura 11: O Casamento do Ano.....	33
Figura 12: Coronel Danvers.....	34
Figura 13: Características Orientais.....	37
Figura 14: Quino e Mafalda.....	38
Figura 15: Conflito pré-histórico.....	39
Figura 16: Mafalda presidente.....	40
Figura 17: Efeito estufa e o reflexo de nossas práticas.....	41
Figura 18: A natureza pede socorro.....	42
Figura 19: Cebolinha e a volta ao mundo.....	43
Figura 20: A perseguição pela urbanização.....	44
Figura 21: Globalização e desigualdade.....	44
Figura 22: Reescrevendo nossa história.....	45
Figura 23: Chico Bento e a reciclagem.....	46
Figura 24: Desigualdade entre os países.....	47
Figura 25 O movimento rotatório da Terra.....	48
Figura 26: Rural e urbano.....	49

## LISTA DE SIGLAS

ENEM- Exame Nacional do Ensino Médio

HQ- Histórias em Quadrinhos

LDB- Lei de Diretrizes e Bases

MEC- Ministério da Educação

PCN- Parâmetros Curriculares Nacionais

## **RESUMO**

O ensino tradicional, o qual se utiliza de exposição de temáticas, resolução de exercícios e memorização de conteúdo, tem, historicamente, sido priorizado como método principal no ensino de Geografia. Tal prática tem proporcionado aulas enfadonhas e desinteressantes para os estudantes. Por isso, novas estratégias precisam ser pensadas para que a apropriação dos conhecimentos espaciais ocorra de forma produtiva e satisfatória. Deste modo, o objetivo central desta pesquisa é analisar se as histórias em quadrinhos estão presentes nos livros didáticos mais usados de Geografia, no Ensino Fundamental II de escolas públicas de Campina Grande, e se contribuem para aprofundar os conhecimentos geográficos. Isto, porque este é o principal instrumento pedagógico usado pelos docentes na disciplina escolar. O procedimento metodológico utilizado foi a pesquisa bibliográfica, a partir de autores como Cavalcanti, Pontuschka, Vygotsky, Tonini, Lira, entre outros. Como também, através da análise dos livros didáticos mais usados nas escolas públicas do referido município. Entre os resultados destacamos que as histórias em quadrinhos, em alguns livros, encontram-se descontextualizadas das temáticas dos capítulos daqueles livros, em outros aparece apenas na parte dos textos complementares e, em poucos livros, aparecem relacionados aos conteúdos dos capítulos.

**Palavras-chave:** Histórias em quadrinhos; Livros Didáticos; Recurso didático; Ensino de geografia.

## **ABSTRACT**

The traditional teaching method, in which the exposition of themes, exercise solving and content memorization, have, historically, been prioritized as the main teaching technique in Geography. Such practice have provided tiresome and uninteresting classes for the students. Therefore, new strategies must be considered so that the spatial knowledge appropriation occur in a productive and satisfactory way. Thus, this research's main goal is to analyze strips from comic books that are found in the most used textbooks in Geography teaching, in Campina Grande's public middle schools, and if they contribute to deepen the geographic knowledge. And that's because it is the main pedagogical instrument used by teachers in this school subject. The methodological procedure used in the bibliographical research, came from authors such as Cavalcanti, Pontuschka, Vygotsky, Tonini, Lira, amongst others. As well as an analysis of the main textbooks used in public schools of the city previously mentioned. Amongst the the results we could point out that some of the comic strips, in some books, occur completely decontextualized from each of the textbook's chapters's themes, others are shown only the complementary texts and, in a few textbooks, they do relate to the chapter's content.

**Key words:** Comic Books; Textbooks; Didatic resource; Geography teaching.

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>1 GEOGRAFIA, CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO INTERDISCIPLINAR E LINGUAGEM</b> .....	13
1.1 O estudante construtor do conhecimento espacial.....	13
1.2 Temas transversais.....	14
1.3 Linguagem no ensino.....	16
1.3.1 Linguagem cinematográfica.....	17
1.3.2 Mapas e recursos didáticos não convencionais.....	18
1.3.3 Imagens e figuras.....	19
<b>2 A IMPORTÂNCIA DAS HQS COMO RECURSO DIDÁTICO NO ENSINO</b> ...21	
2.1 Breve resgate do uso das hqs.....	21
2.1.1 O uso educacional das hqs no brasil.....	23
2.2 Os fenômenos climáticos nas histórias em quadrinhos.....	23
2.3 Geopolítica.....	25
2.4 Outras temáticas e alguns temas transversais.....	29
<b>3 O LIVRO DIDÁTICO E AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS</b> .....	35
3.1 as histórias em quadrinhos presentes nos livros didáticos.....	36
3.1.1 Hqs como meras ilustrações.....	37
3.1.2 Hqs desvinculadas dos conteúdos ou em parte complementar do capítulo...37	
3.1.3 Coleção araribá.....	39
3.1.4 Coleção rádix.....	41
3.1.5 Coleção teláris.....	48
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	49
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	50

## INTRODUÇÃO

Estamos vivenciando a era das tecnologias e das informações. Dessa forma, o professor deve se adequar às diversas linguagens e novas modalidades de ensino, acompanhando os processos de transformação da sociedade, procurando outras estratégias na educação, modernizando as dinâmicas educativas e tornando os processos pedagógicos mais atrativos, pois aulas expositivas tornam-se cansativas, precisando ser redimensionadas. Dessa forma, podem ser usados recursos tecnológicos ou, um bom exemplo são as histórias em quadrinhos (HQs) em suas práticas docentes.

Tais recursos didáticos se fazem necessárias, pois, historicamente, o ensino tradicional tem sido priorizado nas escolas, enfatizando a exposição de conteúdo, a memorização e um trabalho docente que não evidencia os conhecimentos cotidianos dos estudantes, inclusive no ensino de Geografia.

Deste modo, o objetivo central desta pesquisa é analisar se as histórias em quadrinhos estão presentes nos livros didáticos mais usados de Geografia, em escolas públicas de Campina Grande de Ensino Fundamental II, e se contribuem para aprofundar os conhecimentos geográficos. Isto, porque este é o principal instrumento pedagógico utilizado em sala de aula pelos docentes da referida disciplina escolar.

O instrumento metodológico utilizado foi a pesquisa bibliográfica, pois como é apresentado por Cervo e Bervian (2007, p.61) “a pesquisa bibliográfica constitui o procedimento básico para os estudos monográficos, pelos quais se buscam o domínio de estado da arte sobre determinado tema”. Mas, além do aprofundamento teórico, também foi usado tal instrumento na investigação com os livros didáticos, a partir dos objetivos propostos.

Neste sentido, o trabalho foi desenvolvido em três capítulos. No primeiro fizemos uma reflexão sobre o ensino de Geografia, a construção do conhecimento interdisciplinar e o uso das diversas linguagens. No capítulo seguinte nomeado: a importância das HQs como recurso didático no ensino, foi realizado um breve resgate das histórias em quadrinhos, e como este tipo de literatura foi implementada nas escolas, nos últimos anos. E por fim, analisamos livros didáticos de Geografia, verificando se as histórias em quadrinhos estão presentes naquelas obras e se contribuem para o aprofundamento dos conhecimentos geográficos. A pesquisa foi realizada com base na utilização das coleções de livros didáticos de Geografia do 6º ao 9º ano: Radix, Araribá e Teláris, evidenciadas como as mais usadas no município de Campina Grande, na atualidade.

## CAPÍTULO I

### GEOGRAFIA, CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO INTERDISCIPLINAR E LINGUAGENS

A sociedade encontra-se em uma constante fase de evoluções, trazendo consigo uma série de mudanças, não apenas nos costumes, influências nos espaços a partir da ação humana, mas também com transformações no próprio ensino, inclusive da geografia. A construção do conhecimento amplia-se em conjunto com a evolução, quebrando o paradigma de que o estudante é um depósito vazio que recebe informações, pois se trata de um sujeito ativo no processo da aprendizagem.

Neste contexto, os estudantes formulam seus próprios conceitos, com base na troca de informações, seja por meio do conhecimento científico ou do conhecimento cotidiano, contribuindo, dessa maneira, para sua formação intelectual, como será discutido a seguir, na perspectiva da educação geográfica.

#### 1.1 O estudante construtor do conhecimento espacial

O ensino de geografia é de suma importância para a construção dos saberes espaciais, pois favorece a aquisição de conceitos e a criticidade do estudante. Contudo, o método tradicional, ainda recorrente na educação, permanece com um caráter meramente mnemônico, ou seja, um ensino voltado para a memorização de informações e conceitos científicos prontos, decorando de maneira igual ao que está presente no livro didático. Neste contexto Lira (2014, p. 299-300) ressalta que: “[...] se mantêm a repassagem de dados formulados por meio da descrição e memorização das informações espaciais. Um ensino de geografia ligado aos fatos descritos, sem qualquer envolvimento com a realidade vivenciada pelo aluno [...]”.

Sendo assim, o aluno é tratado como um receptáculo em que o professor chega e deposita o conhecimento, preenchendo-o de informações, mas pelo contrário, ele deve ser estimulado a pensar, questionar, formulando informações, constituindo seu próprio conceito, como é apresentado por Cavalcanti (1998, p. 139) que coloca: “ a construção de conceitos é uma habilidade fundamental para a vida cotidiana, uma vez que possibilita a pessoa organizar a realidade, estabelecer classes e objetos e trocar experiência com o outro.”

Dessa forma, o estudante é tratado como sujeito ativo do processo de construção do conhecimento em que o mediador é o professor. Além disso, há a interação de conhecimentos culturais (conceitos esses aprendidos por meio de familiares e amigos, mídia etc) e do conhecimento científico (aqueles produzido pela humanidade). Pois conforme ressalta Cavalcanti (op.cit. p. 145):

O que o ensino promove é a atividade como forma de interação do homem (aluno) com o mundo dos objetos (saber escolar), que provoca o

desenvolvimento intelectual. Trata-se, assim de buscar no ensino atividades que propiciem o desenvolvimento cognitivo nos alunos (...)

Nesta perspectiva, os instrumentos cognitivos considerados mais importantes no processo de ensino-aprendizagem da geografia são: observação, localização, relação, compreensão, descrição, expressão e representação. Estes processos contribuem para a construção do conhecimento geográfico. Mas, para que isso aconteça é necessário que se atinja a zona de desenvolvimento proximal. Esta zona se refere a capacidade do desenvolvimento intelectual do estudante, que ainda encontra-se em processo de amadurecimento, ou seja, o conhecimento já existe na mente dele por meio dos conceitos cotidianos, entretanto necessitam dos estímulos e informações para se chegar ao conceito científico. Segundo Vygotsky (1991, p.97):

A zona de desenvolvimento proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão presentes em estado embrionário. Essas funções poderiam ser chamadas de “brotos” ou “flores” do desenvolvimento, ao invés de “frutos” do desenvolvimento.

O professor, então, deve levantar problemáticas que gerem indagações e questionamentos nos seus alunos, acompanhando-os e orientando durante o processo de formação do conhecimento, porém ele não deve interferir diretamente neste processo, porque os alunos precisam formular seus conceitos por meio de troca de informações entre si. Reiterando Lira (2014, p. 305-306):

Somente com a participação ativa do estudante no mundo objetivo e seu desenvolvimento cultural, em que as informações sobre a realidade são transformadas e recriadas, poderá haver uma ação consciente sobre o meio em que viva. E o ensino de geografia, embora possa mediar esse processo, só acontecerá caso favoreça a ação ativa dos sujeitos.

Dessa forma, a geografia enquanto disciplina escolar, aborda em sua linguagem uma série de símbolos e signos, como podemos notar nas noções cartográficas a partir da confecção e leitura de mapas, ou na sua interpretação. Mas, para essas decodificações é necessário a participação ativa dos sujeitos da aprendizagem, os quais vão avançando nas suas hipóteses sobre o espaço representado ao longo do tempo.

Além disso, o estudante deve desenvolver o senso crítico em relação a sociedade tecnológica repleta de informações, mas que trazem aspectos da realidade distorcidos, conforme os interesses daqueles que dominam os meios de comunicação, como também a geografia pode ser trabalhada a partir de sua relação com outras áreas do conhecimento.

## **1.2 Temas transversais**

Os temas transversais podem constituir relações entre os saberes do senso comum e da academia que ampliam a apropriação dos conhecimentos geográficos, como é apresentado por Pontuscka (2009, p. 127): “Esses temas procuram desvendar a complexidade dessa relação. [...] transformando-se em um aliado na aproximação aos

temas significativos do mundo atual, mais próximos da realidade vivida e percebida pelos alunos”.

Os temas trabalhados nesta transversalidade podem ser: ética, orientação sexual, meio ambiente, saúde, pluralidade cultural, trabalho e consumo, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN,1997). Alguns deles estão ligados diretamente à Geografia. Retomando Pontuschka (2009, p. 132):

A geografia, por estudar o espaço geográfico, composto de dimensões múltiplas e considerar as relações existentes entre sociedade e natureza, traz conhecimentos que podem contribuir para os temas transversais, tais como pluralidade cultural, meio ambiente, saúde e temas locais [...]

Ademais, os temas ambientais não devem ser abordados a partir da discussão “plante uma árvore e salve o mundo”. Devem-se analisar prejuízos causados ao meio ambiente devido a poluição dos solos, água e ar, além de como esta refletirá na fauna e flora e como todos estes fatos acontecem devido aos interesses maiores das grandes empresas ou de influência política, e até mesmo a prática que cada cidadão realiza que é prejudicial ao meio ambiente. Assim, como é afirmado por Cavalcanti (2012, p.57):

O ambiente é construído no jogo de poderes, interesses e práticas da sociedade com a natureza e com os objetos materiais em que, de um lado, estão aqui esses dominantes, principalmente os econômicos e, de outro, aqueles que se expressam no cotidiano como resistência ou como reprodução de uma determinada ordem, mas sempre expressando valores, hábitos, comportamentos individuais e coletivos.

É preciso estimular nossos alunos a pensar de forma crítica, como por exemplo, sobre a ação das grandes indústrias que geram os dejetos que são prejudiciais ao meio ambiente, depositando-os incorretamente. Questionar sobre o racionamento de água nas casas, mas que, em muitos casos, as indústrias não recebem corte em seu abastecimento. São pontos como esses e outros, que devem ser colocados em pauta através da transversalidade, fazendo parte do arcabouço teórico da geografia.

Quanto à pluralidade cultural, podemos abordar sobre a discriminação, sejam elas ligadas a religião, como vemos constantemente com as de matriz africana, sendo muitas vezes referidas com termos pejorativos ou considerados em relação às práticas de magia negra, ou também enfatizando outras religiões, questões etno-raciais, etc.

Nesta discussão, também poderíamos enfatizar os aspectos referentes a violência em grupos de minorias, podendo ser ressaltada também a perspectiva de gênero, contribuindo com a diminuição dos preconceitos, além de ser trabalhada a questão da mulher, pois as inter-relações que se estabelecem na sociedade e que se refletem no espaço escolar são machistas e homofóbicas.

Orientação sexual, assim como temáticas relacionadas às sexualidades ainda são tratadas como temas que geram polêmicas, e por isso, muitas vezes são evitados. Tal temática ainda é considerada como tabu em nossa sociedade, tanto na discussão nas escolas quanto nos espaços domiciliares, contribuindo para a troca de informações apenas nas ruas. Atualmente este tema transversal foi removido da Base Nacional Comum Curricular pelo MEC, o que pode gerar ainda mais falta de conhecimento e dúvidas, principalmente entre os jovens, promovendo mais distorções e discriminações.

A apresentação das diversas culturas, na sala de aula, também pode diminuir inclusive a xenofobia, pois muitas pessoas precisam mudar-se não só de seus países de origem, mas também de uma região para outra, dentro de uma mesma nacionalidade, tendo que adequar seus costumes aos do novo local de moradia, causando estranheza em uma parcela da população, já que as pessoas costumam temer o que é desconhecido por elas. Além disso, muitas vezes a chegada de novos moradores amplia os problemas locais de falta de empregos, violência, etc. Porém, isto não é responsabilidade única dos que chegam, pois são as relações de injustiças do sistema capitalista que provocam tais problemas.

A partir dos temas transversais elencados, que perpassam as análises geográficas, tais discussões podem ser enfatizadas através do uso das diversas linguagens no ensino, tornando a aprendizagem mais prazerosa, além de mais proveitosa.

### **1.3 Linguagem no ensino**

Com o avanço das tecnologias da informação no mundo, as notícias percorrem cada vez mais rápido entre os indivíduos, seja pela televisão, rádio, mensagens de texto, ou pelas redes sociais que estão presentes em nossos computadores ou smartphones, tornando-se tecnologias que impulsionam as diferentes linguagens modernas, ou das quais nos tornamos dependentes em nosso dia a dia, como aponta Pontuschka (2009, p.261):

No mundo atual, é possível identificar ampla diversidade num contexto marcado por uma infinidade de informações. A sociedade é cada vez mais uma sociedade das informações, fruto da revolução tecnológica responsável pela rapidez cada vez maior dos meios de comunicação.

A presença de computadores e tablets com acesso à internet nas escolas vêm sendo implantados constantemente, porém essa distribuição é destinada apenas a uma parcela

do corpo estudantil e docentes, para a sua utilização em sala de aula. A presença de celulares, seja para fins de ouvir músicas, realizar pesquisas ou mesmo para atualizar as redes sociais, resultam na falta de atenção dos estudantes, gerando um desinteresse, principalmente quando o professor fica retido apenas na utilização do livro didático em suas aulas. Toníni (2009, p.94) ressalta que:

A centralidade da mídia na construção do conhecimento e da formação de subjetividades tem consequências importantes para a educação, por gerar gêneros discursivos comportamentais. É um acontecimento que vem minando irreversivelmente as formas de aprender o mundo. Por isso, é evidente que o ensino também deve ter o “pé” na mídia. Preparar as gerações jovens com instrumentos atualizados do seu próprio cotidiano é um desafio que devemos impor (...)

Dessa forma, as diversas linguagens e equipamentos tecnológicos devem ser utilizados nas práticas pedagógicas com o intuito de estimular/produzir o desenvolvimento cognitivo dos alunos. Contudo, o professor não deve menosprezar os tipos de informações veiculadas, mas sim possibilitar que estas sejam retomadas e interpretadas criticamente. Entre tais linguagens, ressaltamos, a seguir, sobre a cinematográfica.

### **1.3.1 Linguagem cinematográfica**

A linguagem cinematográfica está presente no cotidiano dos estudantes, através da televisão, de vídeos baixados na internet, e também precisam ser exploradas na escola. O filme ou vídeo não deve ser aplicado sem um propósito, porque é preciso uma proposta educativa que vai utilizar essa ferramenta, a partir da análise socioespacial, com o intuito de realizar interpretação, desenvolvendo o senso crítico dos estudantes, como afirmam Viana e Silva (2011, p.31):

A utilização do cinema como recurso didático na sala de aula não é uma prática recente. Geralmente, percebe-se o uso frequente dos recursos áudio visuais como instrumento de aprendizagem. O cinema vai além da arte, do entretenimento, da indústria e da produção de imagens. Ele representa um instrumento pedagógico que renova as práticas escolares e garante uma nova forma de acesso ao conhecimento.

Contudo, este instrumento deve estar a serviço da construção conceitual geográfica, podendo abarcar os conteúdos procedimentais, atitudinais e conceituais, conforme Cavalcanti (2013). Entre tais conteúdos procedimentais podemos enfatizar os cartográficos, primordiais no trabalho com a Geografia. Como também, são a utilização de recursos didáticos não convencionais, entre eles os mapas por exemplo, para os conteúdos procedimentais e conceituais.

### 1.3.2 Mapas e recursos didáticos não convencionais

Uma das linguagens fundamentais nos estudos geográficos é a cartografia. Os mapas, croquis e os gráficos são ferramentas essenciais dentro da geografia, pois o trabalho com dados é frequente nesta disciplina, assim como alega Cavalcanti (op.cit. p. 50):

A cartografia é um importante conteúdo do ensino, por ser uma linguagem peculiar da geografia, por ser uma forma de representar análises e sínteses geográficas, por permitir a leitura de acontecimentos, fatos e fenômenos geográficos pela localização e pela explicação dessa localização, permitindo assim, sua espacialização

Os mapas são instrumentos imprescindíveis na disciplina geográfica, mas é necessário preparar o estudante para ser mapeador e intérprete destas cartas geográficas. Cavalcanti (op.cit., p.51) ressalta que as:

Propostas mais recentes de trabalho com a cartografia tem buscado banir das salas de aulas práticas convencionais de copiar e colorir mapas. Em contrapartida, são recomendadas atividades que visem ao desenvolvimento de habilidades de mapear a realidade e de ler realidades mapeadas, ou seja, os professores devem buscar formar alunos mapeadores (...) e leitores de mapas.

Neste mesmo contexto, faz-se necessária a alfabetização cartográfica que deve ocorrer respeitando os níveis de evolução dos estudantes. Como também, neste processo, podem ser usados materiais como os croquis e os mapas mentais.

O croqui é basicamente a projeção cartográfica de um determinado espaço, formando uma espécie de planta baixa da área determinada. Já os mapas mentais constituem-se da projeção do intelecto do aluno, mapeando mentalmente um determinado trajeto, com detalhes e pontos de referências, para que desta maneira possa transferir para o papel, de maneira visual a espacialização constituída em sua mente. Estes desenhos podem ser usados para identificar as hipóteses espaciais dos estudantes e suas formas de representar o espaço. A partir daí o professor pode ampliar a orientação quanto à visão vertical, pontos de vista, orientação etc. Além disso, é preciso contribuir para que o estudante se aproprie das diversas codificações existentes nos mapas como: legendas, escalas, convenções etc.

Outro ponto importante a ser abordado é a questão da utilização dos chamados recursos didáticos não convencionais. Eles são vistos como ferramentas no ensino, mas não se encaixam dentro do grupo de recursos comuns (mapas, gráficos, etc.) e estão presentes no cotidiano dos alunos. Silva e Silva (2011, p. 62) ressaltam que,

Os recursos didáticos não convencionais apresentam como vantagens o fato de estarem presente no dia-a-dia dos(as) alunos(as), dentro e fora da escola, influenciados(as) em suas ações, gostos, pensamentos, posturas, referências de modismo etc. Diferente do livro didático que tem seu uso praticamente restrito ao âmbito da sala de aula. Soma-se isso o fato dessas produções de massa utilizarem-se de elementos visuais e/ou auditivos que podem facilitar a compreensão da linguagem pelas pessoas.

Trazer ferramentas do cotidiano dos alunos, que muitas vezes passam despercebidas pelos professores para a sala de aula, pode contribuir para a construção do conhecimento, pois só reforça que tudo que é trazido para a escola pode ser aproveitado, estimulando o aluno a tornar-se mais participativo nas aulas.

As imagens, gravuras ou ilustrações são recursos didáticos que estimulam a curiosidade do aluno, pois antes de procurar descobrir o que está escrito no conteúdo presente no texto, ele vai focalizar primeiro a imagem, principalmente se ela for constituída de elementos atrativos como cores e formas, tão presentes nos mapas, nas fotografias, histórias em quadrinhos etc. Infelizmente muitas das imagens presentes no livro didático possuem apenas uma função meramente ilustrativa como mostra Pontuschka (2009, p.278):

A imagem, no ensino de geografia, geralmente é empregada como ilustrações. Mesmo que os autores de um texto tenham integrado as figuras ao conteúdo, o que nem sempre ocorre, elas são utilizadas no espaço escolar como complementação do texto ou recurso onde é possível extrair informação e promover a articulação com o conteúdo da escrita.

Contudo, a imagem é também um hipertexto que precisa ser decifrado e interpretado, além de poder ser utilizado para se estudar paisagens diferenciadas, problemas socioespaciais diversos, além de, muitas vezes, enfatizar questões polêmicas do contexto atual. Mas, é preciso ter cuidado, pois em tais hipertextos também pode ser enfatizada a sociedade consumista, machista etc. Por isso, o professor deve estar preparado para analisar estes materiais de forma crítica.

### **1.3.3 Imagens e figuras**

Entre os diversos tipos de imagens podemos destacar as charges, na qual nem sempre é necessário o uso do acompanhamento do texto. A charge tem o objetivo de realizar uma sátira/crítica sobre temas relevantes ou em alta, na atualidade, podendo contribuir para ampliar a capacidade de interpretação dos estudantes. As charges são frequentemente encontradas nas páginas de jornais (figura nº 01), e pode se remeter a uma crítica socioespacial, como é descrito por Perez (2017):

A charge é um tipo de ilustração que geralmente apresenta um discurso humorístico e está presente em revistas e principalmente jornais. Trata-se de desenhos elaborados por cartunistas que captam de maneira perspicaz as diversas situações do cotidiano, transpondo para o desenho algum tipo de crítica, geralmente permeada por fina ironia.

Figura 01: Aquecimento global



Fonte: [www.google.com.br/charges/aquecimento\\_global](http://www.google.com.br/charges/aquecimento_global)

A figura 01 deveria trazer outras discussões sobre o aquecimento global, isto porque alguns pesquisadores acreditam que tal teoria é equivocada, inclusive para teóricos da geografia, em que alguns defendem que estamos vivenciando um período de aquecimento global, enquanto outros alegam que estamos passando por mudanças já vivenciadas em outros períodos geológicos, e que os problemas ambientais reforçam aspectos mais localizados como as chamadas “ilhas de calor”. E, por isso mesmo, tal material humorístico, deveria ser trabalhado juntamente com outros tipos de documentários e textos para ampliar as discussões com os estudantes.

Além da charge, outros tipos de figuras, acompanhadas de produções com enredos diversos, também fazem parte do cotidiano dos jovens, que são as chamadas histórias em quadrinhos, podendo ser encontradas em jornais, gibis e até no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). É sobre este tipo de material que nos debruçaremos a seguir e sua utilização como recurso didático.

## CAPÍTULO II

### A IMPORTÂNCIA DAS HQS COMO RECURSO DIDÁTICO NO ENSINO

As histórias em quadrinhos, ou simplesmente HQS, consistem em um conjunto de quadrinhos, constituídos de imagens e texto (dentro de balões) que geram ação, diálogo, onomatopeias ou em que personagens e contextos se relacionam, constituindo um enredo que possui sentido em sequência, de acordo com a temática abordada (KRAKHECKE, 2009).

Quanto à estrutura, ainda reiterando por KRAKHECKE (op.cit) elas podem ser mais curtas, constituídas por três ou quatro quadrinhos com uma introdução, desenvolvimento e conclusão chamadas de tirinhas, que são muito encontradas em jornais, revistas ou até provas como ENEM. Como também, podem ser encontradas com conteúdo sequencial de várias páginas e com uma história, composta por mais de uma edição que são chamados de arcos ou saga, publicadas no formato de revista, em que geralmente são publicadas em edições mensais como por exemplo Thor, o deus do trovão ou especiais lançados anualmente, como é o caso de X-men, em sua edição anual.

Sendo assim, as HQs aparecem em diversos exemplares e formatos, tendo usos que vão além do puro entretenimento.

#### 2.1 Breve resgate do uso das HQS

O grande sucesso das HQS se deu durante o período da Segunda Guerra mundial com o lançamento do Super-Homem e mais tarde do Capitão América, representando toda a ideologia do patriotismo americano, grande, forte e musculoso e que sempre vencia seus “inimigos”, passando a ser um ícone do incentivo aos soldados que estavam em guerra. Vergueiro (2014) ressalta que as histórias em quadrinhos tiveram uma função a mais durante este período, pois “elas eram utilizadas como manual de instruções constituídos de imagens e textos, ensinando como manusear armamentos por exemplo”.

Mas, no período pós-guerras, as HQs passaram a ser vistas como um material negativo para a população, alegando que elas faziam apologia à violência e ao homossexualismo. Vergueiro (2009, p.12) coloca como exemplo que o motivo para tal classificação seria pelo fato de que nas “(...) histórias do Batman poderia levar os leitores ao homossexualismo, na medida em que esse herói e seu companheiro Robin

representavam o sonho de dois homossexuais vivendo juntos”. Desse modo, resultou em uma série de restrições em seu conteúdo para que pudessem continuar em circulação, recebendo uma espécie de selo, que as classificavam como material adequado quando encontravam-se estabelecidas nos padrões exigidos, ou seja, houve censuras a estas HQs a partir do conservadorismo norte-americano naquele período, o qual se mantém em muitos aspectos na atualidade.

Além disso, até hoje, algumas pessoas caracterizam erroneamente as HQs como um tipo de leitura voltada para o público infantil e também para o geek (sinônimo para Nerd) subestimando a rica forma de linguagem presente nas obras. Contudo, precisamos ressaltar que tais materiais precisam ser lidos com criticidade, porque como relata Toledo (2011, p.5): “Esse tipo de arte deve ser levado muito a sério para que possamos entendê-la não só como mídia popular, mas principalmente, como um documento histórico que carrega uma carga axiológica, política, filosófica e social.” Isto ocorre, pois é escrita por pessoas que perpassam suas visões do mundo e de sociedade.

As histórias em quadrinhos são apresentadas em diversos gêneros - como fantasia, crime, comédia - e destinadas a todas as idades, porém o maior sucesso desde a década de XX é com o público juvenil (KRAKHECKE, 2009). Diversos temas vêm sendo trabalhados nas HQs em que são considerados “tabus” pela sociedade como: feminismo, homossexualidade, racismo, discriminação, xenofobia, dentre outros.

Nesta perspectiva, podemos utilizar as histórias em quadrinhos como uma importante ferramenta didática, em sala de aula, de forma interdisciplinar, pois além de se tratar de uma maneira lúdica, o conteúdo estimula a curiosidade dos alunos. Por não se caracterizar apenas como um texto, mas como um conjunto de imagens formando um sentido, constituindo uma história, este instrumento pedagógico de trabalho/ensino torna-se mais receptivo por parte dos alunos, como nos afirma Silva (2010, p. 14):

Os quadrinhos motivam a discussão e a reflexão e, principalmente, estimulam uma leitura mais apurada da realidade vivida e a desmistificação do discurso ideológico que permeia as relações sociais e políticas do mundo. Além disso, a linguagem desse produto cultural é capaz de fazer a aula mais agradável para muitos alunos, tornando-os mais receptivos ao conteúdo, uma vez que apreciam esse tipo de atividade, por promover debates polifônicos, estimular a perspicácia e o pensamento crítico.

Este tipo de linguagem está presente na humanidade desde as sociedades mais remotas, como os povos nômades ainda na idade da pedra, em que as pinturas rupestres eram produzidas nas rochas. Deste modo, informações a respeito dos tipos de animais

poderiam ser encontradas, trajetos que os rios percorriam, ou seja, reproduziam informações sobre suas espacialidades.

Muitos dos personagens relatados, anteriormente, e outros criados recentemente nas HQs, foram apropriados pela indústria cinematográfica, e, atualmente, são assistidos por milhões de pessoas. Além dos temas abordados, outras temáticas também são tratadas neste veículo de comunicação e, no Brasil, passaram a ser utilizadas no sistema educacional no início do milênio atual.

### **2.1.1 O uso educacional das HQS no Brasil**

A partir do ano de 2003, ainda no governo do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, foi feita a implementação do uso das histórias em quadrinhos nas escolas, a partir da inclusão destes materiais nos PCNs de educação. Isto ocorreu, através de debates mais amplos sobre a importância de tais recursos para a aprendizagem dos estudantes.

A distribuição das obras nas escolas foi realizada de acordo com a quantidade de alunos matriculados, as quais foram encaminhadas às bibliotecas. Vergueiro e Ramos (2009, p. 09) apresentaram o critério de distribuição de tais materiais nas escolas:

- Escolas com até 150 alunos receberam um acervo com 50 títulos;
- Com 151 a 300 alunos, um acervo com 150 títulos;
- Com mais de 300 alunos, 225 títulos.

A política educacional passou a valorizar as HQs, porque tornou-se um material usado não só no trabalho com as crianças, mas com todos os públicos, como é apresentado por Vergueiro e Ramos (op.cit., p. 09)

A última virada do século marcou não apenas uma mudança cronológica. Sob vários aspectos, representou também o coroamento de uma nova fase das histórias em quadrinhos no Brasil, que já se encontravam em processo de reavaliação. Por um lado, gradativamente elas passavam a ser entendidas pela sociedade não mais como uma leitura exclusiva de crianças, mas sim, como uma forma de entretenimento e transmissão de saber que podia atingir diversos públicos e faixa etárias.

Neste contexto, as HQS traziam também vários saberes geográficos, entre eles destacaremos, a seguir, alguns ligados à Geografia.

## 2.2 Os fenômenos climáticos nas histórias em quadrinhos

Os fenômenos climáticos são os acontecimentos que ocorrem na natureza em determinadas condições específicas. Alguns exemplos destes fenômenos são as chuvas, tempestades, geadas, furacões, dentre outros.

Nas escolas, os conteúdos climatológicos são estudados, principalmente, durante o sexto ano do ensino fundamental II, como pude observar durante o período de estágio e no início do Ensino Médio. Mas, para que o professor torne tal temática mais atrativa, poderia utilizar-se de recursos lúdicos, entre eles as histórias em quadrinhos, as quais contribuiriam significativamente no processo de construção dos conhecimentos geográficos.

A seguir apresentamos na figura nº 02, alguns exemplos de HQS que retratam a temática relacionada à Geografia, através do trabalho do desenhista brasileiro Maurício de Souza, a partir das aventuras da Turma da Mônica, mostrando como ocorre a formação do granizo, o que são tornados, etc., que podem facilitar tais aprendizagens:

Figura 02: HQs e os fenômenos naturais



Fonte: [www.climakids.com.br/fenomenosclimaticos](http://www.climakids.com.br/fenomenosclimaticos) acesso em 27 de Junho de 2017, as 13:41

A diferença entre granito e granizo é bem significativa, mas muita gente confunde seus significados. Granito, que é um tipo de rocha cristalina, proveniente da ação

geológica através da formação das rochas, enquanto o granizo vem da ação climática, por isso a HQ pode contribuir com a discussão em sala de aula, favorecendo a distinção para os alunos. Mas, além dos fenômenos naturais, as HQs também apresentam outras temáticas espaciais, como é o caso da geopolítica e dos problemas locais.

### 2.3 Geopolítica

Na maioria das vezes, os interesses dos países mais poderosos economicamente e militarmente, entram em conflito, resultando em grandes guerras ou tensão bélica entre nações, como foi o caso da primeira e segunda guerras mundiais, ou ainda da chamada Guerra Fria, em os Estados Unidos e a extinta União Soviética, tinham (e ainda possuem) arsenais bélicos e nucleares, prontos para iniciar uma nova guerra. Na atualidade, tais arsenais são usados, principalmente, nos conflitos e guerras civis asiáticas e africanas.

Durante o período das grandes guerras, a baixa de soldados no campo de batalha era eminente, então o rigor para que o cidadão pudesse ser alistado no exército foi diminuído, devido a necessidade de novos soldados para suprir as lacunas abertas pelos guerreiros abatidos em combates. Por isso, a figura número 03 apresenta, de forma cômica a forma como este recrutamento acontecia.

Figura 03: Soldados sendo recrutados e arsenais bélicos.



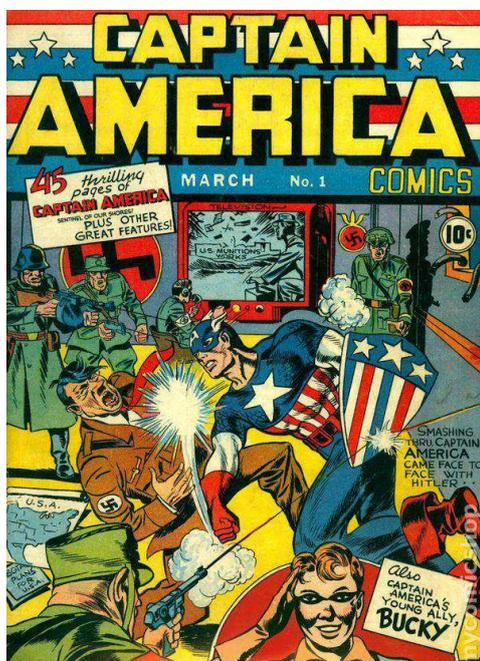
Na mesma figura, também é retratada a produção bélica americana como “arsenal da liberdade” e a dos demais países como armas de destruição. Um questionamento

permanece no ar: Será que nos dois lados não haviam pessoas inocentes sendo mortas? Qual o interesse em colocar um tipo de arsenal como de liberdade? Estão iminentes, nesta discussão, o caráter ideológico perpassado, nas HQS, pelos norteamericanos.

Ademais, na primeira edição da revista do Capitão América, em sua capa, tinha uma imagem: “O patriota da ideologia americana nocauteando Adolf Hitler”, deixando um significado subjetivo de que o Capitão América era o herói e Hitler o cara do mal. Embora a Alemanha fosse responsável por uma série de atrocidades, os Estados Unidos não ficavam muito atrás, pois tudo gira em torno de um jogo de interesses pela liderança mundial.

Nos dias atuais isto é bem representado pela “guerra ao terror”. Mas, será que os Estados Unidos não pode ser considerado o maior terrorista da atualidade? Com base no atual cenário político tal nação pode ser considerada vilã, pois os atentados aos países do Oriente Médio são realizados por ela, e as represálias sofridas pelos países atacados, não são mais que uma resposta aos seus ataques. Não estamos defendendo atentados terroristas, porém não devemos classificar ambos os lados como “do bem ou do mal”, mas sim analisando todo o jogo de interesses políticos presentes em tais conflitos.

Figura 04: Capitão América nocauteia a Alemanha



Fonte Captain America Comics # 1. São Paulo: Editora Marvel

Neste mesmo tipo de discurso, o qual enfatiza os norte-americanos como os defensores do bem, apresentamos na figura nº 05 a fala da personagem Jeniffer Walters

(vulgo mulher-hulk) fazendo referência, de forma metafórica, aos políticos, refletindo sobre os atos antiéticos presentes no atual cenário político, em que os valores como honestidade e noção de igualdade são defendidos no seu país.

A imagem apresenta uma corte na cidade de Nova York, sendo feitas críticas aos poderes instituídos. Mas será que somente o executivo e legislativo cometem erros? No sistema capitalista, o judiciário também não está suscetível a corrupção? São indagações que nos remetem a óbvias respostas, pois infelizmente nossa sociedade encontra-se impregnada por tais práticas.

Figura 05: Jeeniffer Walters e a corrupção



Fonte: Guerra Civil II. São Paulo: Editora Panini Comics, 2016.

Neste contexto, a sátira resgata a questão da corrupção. Mas no Brasil, como em outras partes do mundo, o judiciário, também encontra-se impregnado pelos interesses das classes dominantes. Por isso, as HQs precisam ser debatidas, para que não passem a imagem de que um poder é mais puro que o outro.

Outra temática abordada nas HQs é sobre a África, em que muitas vezes possui um olhar distorcido, como por exemplo, quando os estudantes acham que naquele continente existe apenas fome, pobreza e seca. Esse olhar de segregação socioespacial é alimentado pelas informações equivocadas da mídia, encontradas nos livros didáticos e também nas HQs, como é apresentada na figura nº 06, a qual mostra líderes africanos provocando assassinatos e promovendo o terror. Mas, os Estados Unidos também não provocam?

Figura 06: Pantera Negra e a política de Wakanda



Fonte: Pantera Negra (V2) #1 São Paulo: Editora Marvel Comics, 1967.

A referida história também retrata a reação da população de Wakanda à recepção de culturas e tecnologias do mundo “europeu”, enfatizando a colonização europeia naquele continente. Mas, não enfatiza o abastecimento bélico feito pelos Estados Unidos àquele continente. Para favorecer tal discussão o trabalho com esta HQ poderia ser complementado com o filme “Diamante de Sangue”, ampliando os conhecimentos geográficos a respeito da temática da exploração e extração de minerais e pedras preciosas, como a utilização de mão-de-obra praticamente escrava, e todas as atrocidades cometidas por tais exploradores com mortes e perda de membros corporais dos trabalhadores nessas expedições.

## 2.4 Outras temáticas e alguns temas transversais

A noção de localização no espaço também pode ser explorada através da história da personagem de origem argentina Mafalda, bem popular no Brasil, e presente nas bibliotecas das escolas de todo o país. Sendo assim, o trabalho com a cartografia poderia ser ampliado em sala de aula, em todas as séries do Ensino Fundamental, a partir do uso destas HQs, como é apresentado na figura número 07:

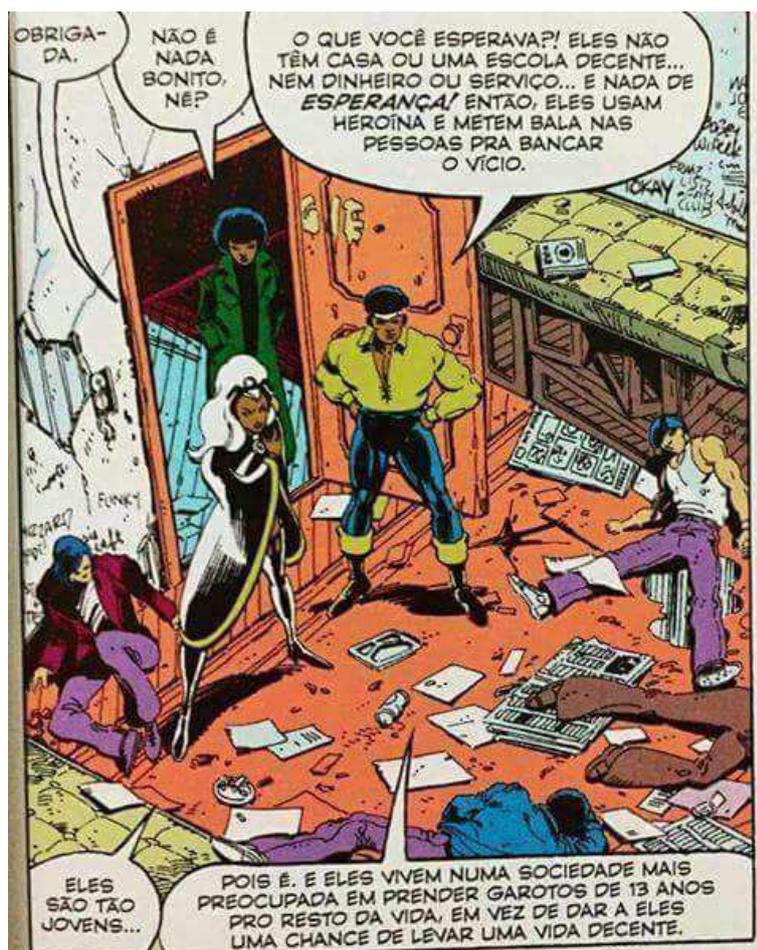
Figura 07: A cartografia de Mafalda



Fonte: profalexandregangorra.blogspot.com.br/2013/03/mafalda-geografia-e-muita-reflexao

Outro tema que também deveria ser trabalhado é a questão dos problemas locais a partir da discussão sobre a violência urbana e seus reflexos na sociedade. Todos sabemos que a violência vem crescendo rapidamente e em grande escala em todo mundo, ocasionando no envolvimento dos jovens com drogas ou crimes. Mas, cabe aos profissionais da educação refletir que tais estatísticas remontam os graves problemas socioespaciais provocados pelo sistema capitalista. Os personagens Luke Cage e Tempestade das HQs retomam esta discussão, por serem oriundos das ruas e terem vivido a situação da marginalidade.

Figura 08: Luke Cage e Tempestade e os jovens viciados em drogas



Fonte: Luke Cage, Herói de Aluguel #1

A questão da maioridade penal também pode ser abordada com base na HQ acima, mostrando que muitos dos jovens que tem envolvimento com crimes e com as drogas necessitam de políticas públicas e não de aprisionamento, como é defendido pelos setores mais conservadores da sociedade.

Na discussão transversal do meio ambiente as HQs também apresentam os efeitos negativos relativos à poluição, seja através da degradação do solo ou da água, a emissão de gases poluentes na atmosfera, o desmatamento, dentre outros, demonstrados a partir das figuras N° 09 e 10.

Figura 09: Destruição cotidiana

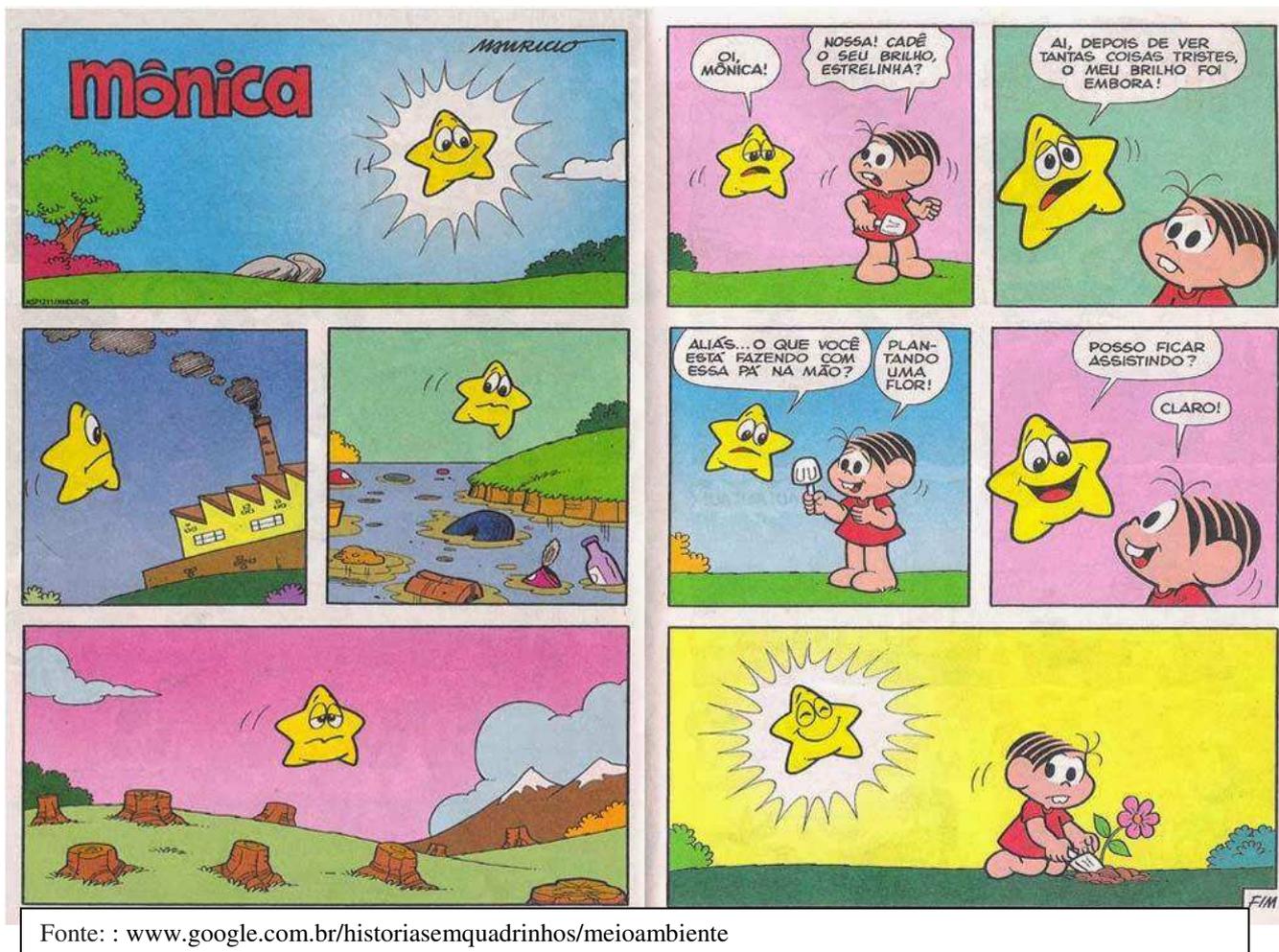


Fonte: [www.google.com.br/historiasemquadrinhos/meioambiente](http://www.google.com.br/historiasemquadrinhos/meioambiente)

A HQ número 09 pode contribuir com o debate sobre nossas práticas cotidianas, como: jogar papéis, garrafas, plásticos em céu aberto, pois tudo isso será acumulado no solo. Por isso, é preciso entender que também precisamos mudar nossas práticas, como, por exemplo, jogando o lixo nos locais adequados. Afinal cada pequeno fragmento depositado em locais inadequados vai resultar no acúmulo no solo e rios aumentando ainda mais os índices de poluição. Se cada um fizer a sua parte, podemos também contribuir com a amenização do estado em que a natureza se encontra. Este debate pode ser fomentado a partir da figura nº 09, a seguir.

Além disso, os estudantes precisam ser esclarecidos que os principais vilões contra a preservação dos solos são as grandes empresas, porque visando a lucratividade também provocam a degradação, a partir dos interesses capitalistas. E as indústrias afetam outros aspectos como os recursos hídricos, a atmosfera, entre outros.

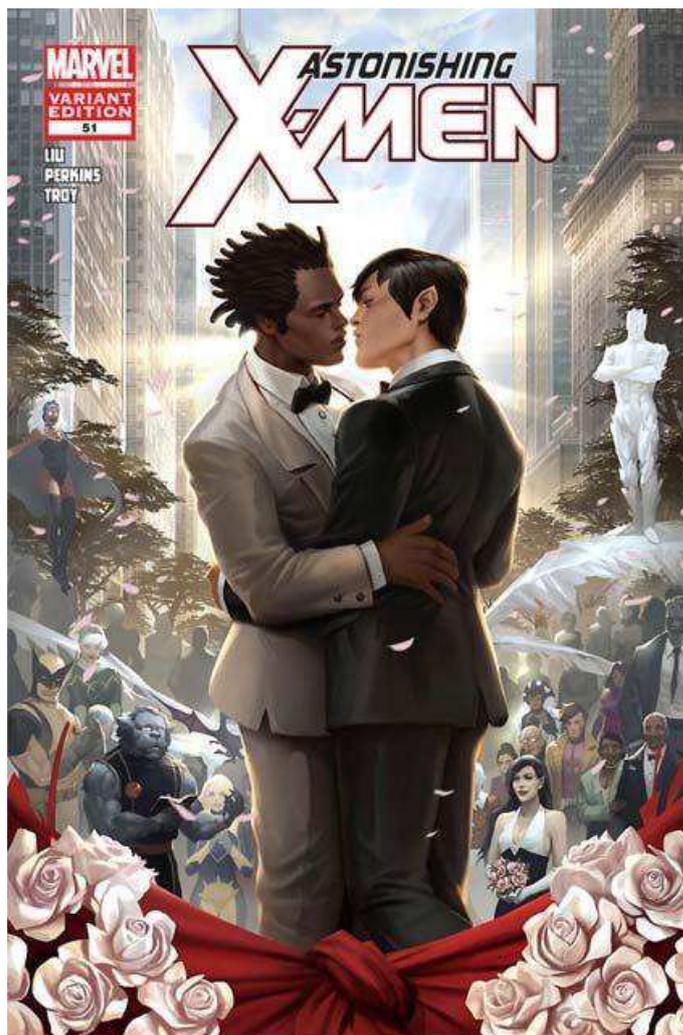
Figura número 10: Degradação do meio ambiente e renovação



Ademais, as temáticas transversais sobre gênero e sexualidade, também estão presentes nas HQs. Mesmo com o MEC retirando parte desses temas do currículo escolar, a partir de sua postura conservadora nos últimos tempos, necessitam ser trabalhados com os alunos para o combate a homofobia, a discussão sobre o feminismo, pois a violência contra a mulher e a homofobia são tipos de violências em altos índices no nosso cotidiano, em que a escola pode contribuir com a diminuição dessas estatísticas

Tais discussões podem ser feitas no âmbito dos conceitos chaves da geografia como território (territorialidades do sexo por exemplo) e lugar a partir da série de revistas dos X-men, pois o personagem Estrela polar casa com outro personagem do gênero masculino, sendo o primeiro casamento homoafetivo dos quadrinhos, mas não o primeiro casal do gênero, como é apresentado na figura 11.

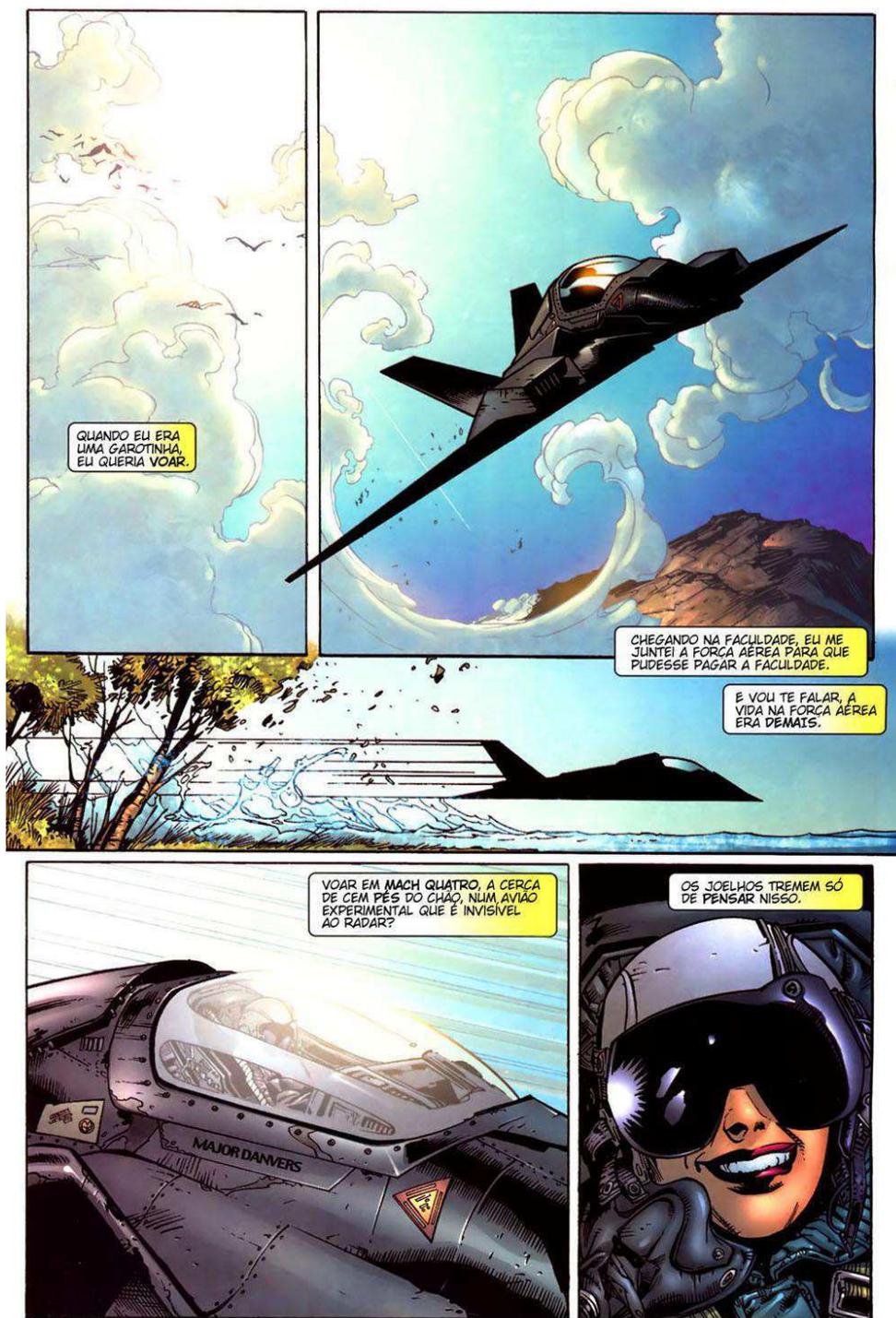
Figura 11: O casamento do ano



Fonte: X-men Extra #136.1. São Paulo: Editora Panini Comics, 2013.

Da mesma forma, a discussão sobre o feminismo deve ocorrer, para diminuir os estereótipos criados contra o movimento, pois ele luta contra o machismo, buscando por igualdade entre homens e mulheres, por mais direitos, pelo fim da objetificação das mulheres e, acima de tudo, pelo direito sobre o próprio corpo. Neste contexto, a mulher passa a ocupar papéis que antes eram majoritariamente masculinos, resultando em uma espécie de estranheza por parte da sociedade que ainda permanece machista e repleta de injustiças. Na figura 12 a Capitã Marvel retrata a inversão desses papéis, podendo ser usada a HQ nos debates geográficos.

Figura 12: A mulher como coronel



Fonte: Miss Marvel (V2) #1. São Paulo: Editora Panini Comics, 2006.

Sendo assim, a atuação da Capitã Marvel, que aparece como um grande ícone do feminismo, pois é uma coronel da força aérea americana, cargo exercido majoritariamente por homens, também pode contribuir com a ampliação do debate sobre gênero nas escolas e no ensino de geografia, pois os livros didáticos não abordam tais temáticas.

## CAPÍTULO III

### O LIVRO DIDÁTICO E AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

O livro didático continua sendo utilizado nas escolas como material inquestionável, muitas vezes sem ser feita a menor crítica sobre os mesmos, como é citado por Pontuschka (2009, p.339):

[...] Os livros didáticos continuam a ser grande referencial na sala de aula para alunos e professores das escolas públicas do país, embora sejam utilizados de formas variadas: às vezes permitindo que o aluno faça uma reflexão sobre o espaço, muitas vezes trabalhando com a Geografia de modo tradicional e não reflexivo.

Mas, o conteúdo presente nos livros didáticos nem sempre é elaborado por um autor ou grupo de autores, a partir de áreas específicas. Algumas editoras contratam determinados profissionais para elaborar tais livros, conforme as exigências das contratantes, podendo ser ainda estudantes de pós-graduação. Esta estratégia favorece para que não sejam pagos os devidos direitos autorais aos elaboradores.

Neste contexto, muitas vezes são encontrados diversos erros conceituais e questões que ampliam os preconceitos já existentes, como é o caso da forma como é apresentada a realidade nordestina em tais materiais, colocando imagens de animais de carga como principais meios de transportes da região. E mesmo que, nos últimos anos, o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) tenha melhorado, consideravelmente, a qualidade dos livros didáticos, ainda persistem questões que precisam ser reavaliadas.

Sendo assim, Tavares e Azevedo (2014, p. 86) reitera que,

O livro didático é uma ferramenta muito importante para o processo de ensino-aprendizagem, chegando a ser o único instrumento disponível em algumas escolas brasileiras. Mesmo assim, não podemos ignorar que em muitos casos o seu conteúdo pode apresentar alguns problemas, como: não ser o mais adequado para formação do aluno como cidadão crítico ou conter erros conceituais, metodológicos, das concepções pedagógicas e informações gráficas, entre outros.

Além disso, o MEC coloca as chamadas “entrelinhas”, as quais são referências para a pontuação quanto à linguagem textual e outros critérios estabelecidos, mas esta forma de avaliação amplia a competitividade das editoras e favorece àquelas que já monopolizam o mercado editorial.

Ademais, o principal comprador dos livros didáticos no Brasil é o poder público, por isso as grandes editoras levam significativa vantagem, porque conseguem chegar na

maioria das escolas do país, enquanto que as pequenas não têm o mesmo poder econômico e não têm a possibilidade de divulgar seus materiais da mesma forma.

Além disso, tais instrumentos pedagógicos possuem significativa importância para a construção de conhecimentos, desde que eles sejam usados como material complementar e não como única fonte de saberes e é preciso que o setor público garanta a sua aquisição, mas também de outros recursos pedagógicos para as escolas e a formação continuada para os docentes.

Contudo, como já foi ressaltada, a aquisição dos livros deve vir acompanhada de outras políticas públicas que favoreçam a melhoria da qualidade do ensino. E o professor deve ser um sujeito crítico de tais materiais. Conforme Torini e Moraes (2016, p. 250):

O professor deve explorar ao máximo tudo o que o livro didático tem a oferecer e isto inclui as imagens. Ele deve desenvolver atividades e conversar com seus alunos a respeito dos discursos que elas possuem. As imagens sempre nos passam uma informação, e o professor deve analisá-las e questioná-las durante suas aulas.

Entretanto, será que os professores estão preparados para fazer uma análise crítica destes materiais? Entre os tipos de imagens encontradas nos livros didáticos podemos destacar: charges que são sátiras referentes a determinados conteúdos, outras imagens de complementos que acompanham os conteúdos, entre elas mapas e gráficos, e também o objeto de estudo desta pesquisa: as histórias em quadrinhos, as quais nos deteremos a seguir.

Com base na pesquisa de Tavares e Azevedo (2014), o qual realizou um levantamento sobre as principais coletâneas de livros didáticos de Geografia utilizados nas escolas municipais e estaduais da cidade de Campina Grande, foram selecionadas as coleções presentes no maior número de instituições, podendo ser destacadas: Araribá, Teláris e Radix, as quais continuam predominantes na atualidade.

Neste contexto, nos debruçamos sobre tais coleções e passaremos a analisá-las, a partir das histórias em quadrinhos presentes nestes materiais.

### **3.1 As histórias em quadrinhos presentes nos livros didáticos de geografia**

Algumas imagens encontradas nos livros didáticos são meramente ilustrativas, sem qualquer função, além de “enfeitar” o texto, desvalorizando a sua importância no processo de ensino-aprendizagem. Encontramos este problema em um dos exemplares das coleções pesquisadas.

### 3.1.1 HQs como meras ilustrações

A figura nº 13, retirada do livro Projeto Teláris – 8º ano, busca trazer um diálogo sobre a China com os alunos, através da imagem de Mafalda puxando os olhos. Como também, o globo não apresenta o referido país.

Figura 13: Características orientais



Desse modo, tal figura não contribui para trazer informações significativas sobre o povo chinês ou mesmo para referenciar a verdadeira localização do país. Sendo assim, como foi ressaltado anteriormente, é apenas uma imagem ilustrativa.

### 3.1.2 HQs desvinculadas dos conteúdos ou em parte complementar do capítulo

Outras HQs estão inseridas nos textos apenas como atividades complementares, fora do conteúdo referente ao capítulo, como nos mostra, por exemplo, a figura número 14, copiada do livro Projeto Araribá: Geografia – 8º ano, em que é colocada como anexo da temática “América Platina”, possuindo algumas tirinhas com conteúdos diversos, com o intuito de apresentar o criador da personagem Mafalda.

Figura 14: Quino e Mafalda



Fonte: PROJETO ARARIBÁ: GEOGRAFIA (2014, p.193).

A partir desta HQ identificamos que embora Quino seja um quadrinista argentino de muita importância para a América Latina, só é referenciado nas atividades complementares, demonstrando não ser dada a ênfase necessária dentro do próprio capítulo, retomando temáticas muito importantes a serem discutidas em sala de aula, como: consumismo, conflitos entre nações, pobreza e segregação social, por isso tal HQ deveria estar dentro do capítulo que trata sobre a temática.

A HQ referente à figura número 15 retirada do livro Projeto Radix: Geografia – 8º ano se encontra deslocada do texto, porém com ligação à discussão do conteúdo, no qual é enfatizado sobre a paisagem e os lugares do mundo em que vivemos.

Figura 15: Conflito pré-histórico



Fonte: Valquíria e Beluce (2013, p.31)

Esta HQ encontra-se inserida do contexto sobre as eras geológicas do planeta Terra, o qual faz parte do conteúdo do capítulo. No entanto, apresenta uma discussão equivocada. Isto, por conta, da possibilidade do Homo Sapiens ter caminhado ao lado dos dinossauros, uma vez que cada espécie viveu em períodos distintos. Esta imagem poderia ser usada para suscitar o debate a este respeito, mas não fica claro este propósito nas atividades que se seguiram.

### 3.1.3 Outras HQs na coleção do projeto ARARIBÁ

No exemplar do 8º ano encontramos a figura de número 16 também aparecendo como conteúdo extra. A referida figura possui ligação direta com o conteúdo do capítulo, intitulado “blocos econômicos”, fazendo críticas ao poder exercido pelo presidente e outras instituições internacionais.

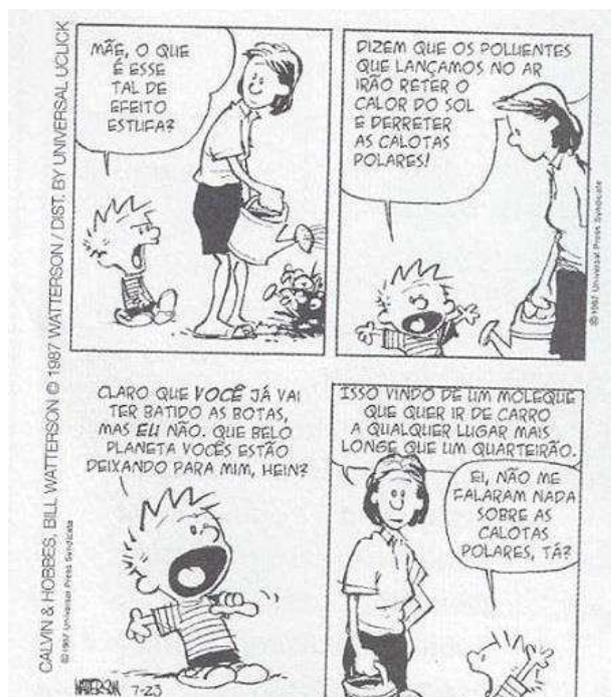
Figura 16: Mafalda presidente



Tal HQ traz uma problematização interessante e, por isso, poderia gerar um debate bastante profícuo quanto aos segmentos financeiros que comandam as diversas esferas econômicas e políticas no mundo, mostrando quanto uma história em quadrinhos pode contribuir com a construção dos conhecimentos geográficos.

No livro do 9º ano o tema que envolve a temática da “Globalização e Organizações Mundiais” discute sobre os problemas ambientais provocados.

Figura 17: Efeito estufa e o reflexo de nossas práticas



E, embora saibamos que o aquecimento global é um problema que nos preocupa, teríamos que ampliar a discussão sobre tal tema, pois muitos geógrafos e outros estudiosos questionam a teoria do aquecimento global. Além disso, responsabilizar as

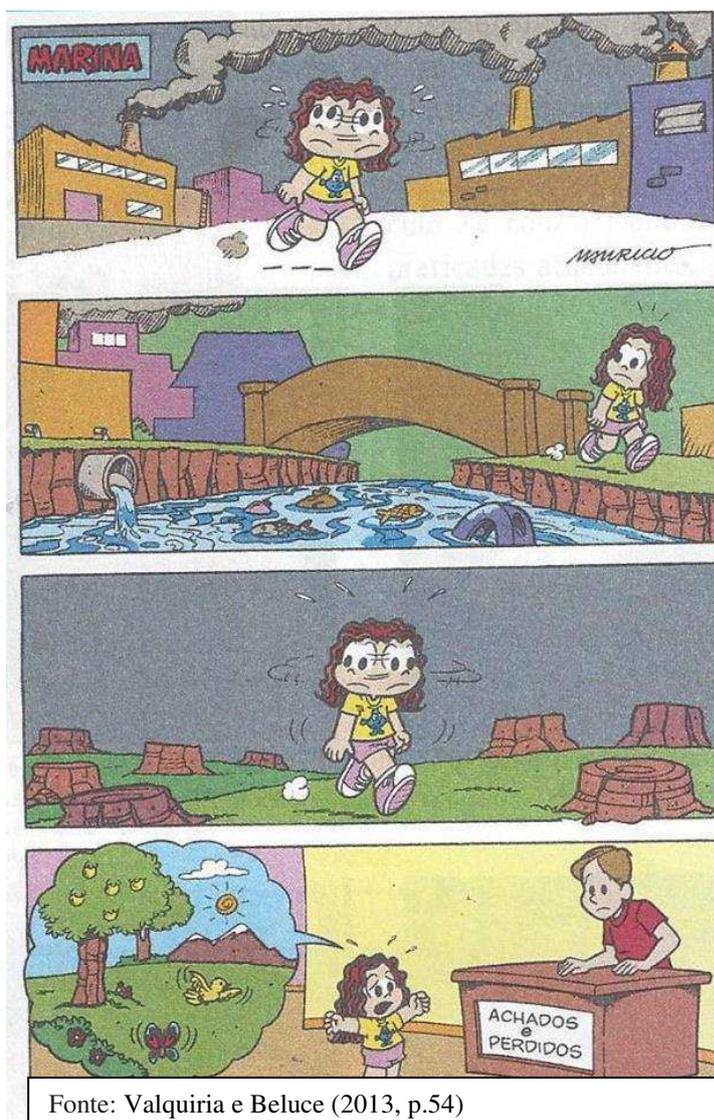
pessoas individualmente, sem se enfatizar o papel do sistema produtor de mercadorias é algo que também deve ser questionado.

### 3.1.4 Projeto RADIX

O projeto Radix, do Ensino Fundamental II, foi a coletânea em que identificamos o maior número de histórias em quadrinhos, nos quais cada livro apresentava no mínimo uma HQ em cada exemplar. Mas, ainda é um número pequeno deste tipo de material presente nos livros didáticos de Geografia.

A grande maioria das HQS é da turma da Mônica. Algumas abrindo o capítulo, como, por exemplo, no livro do 8º ano, que traz a figura número 18, a qual aborda sobre a “ação humana, a dinâmica natural e as questões ambientais”, título do capítulo.

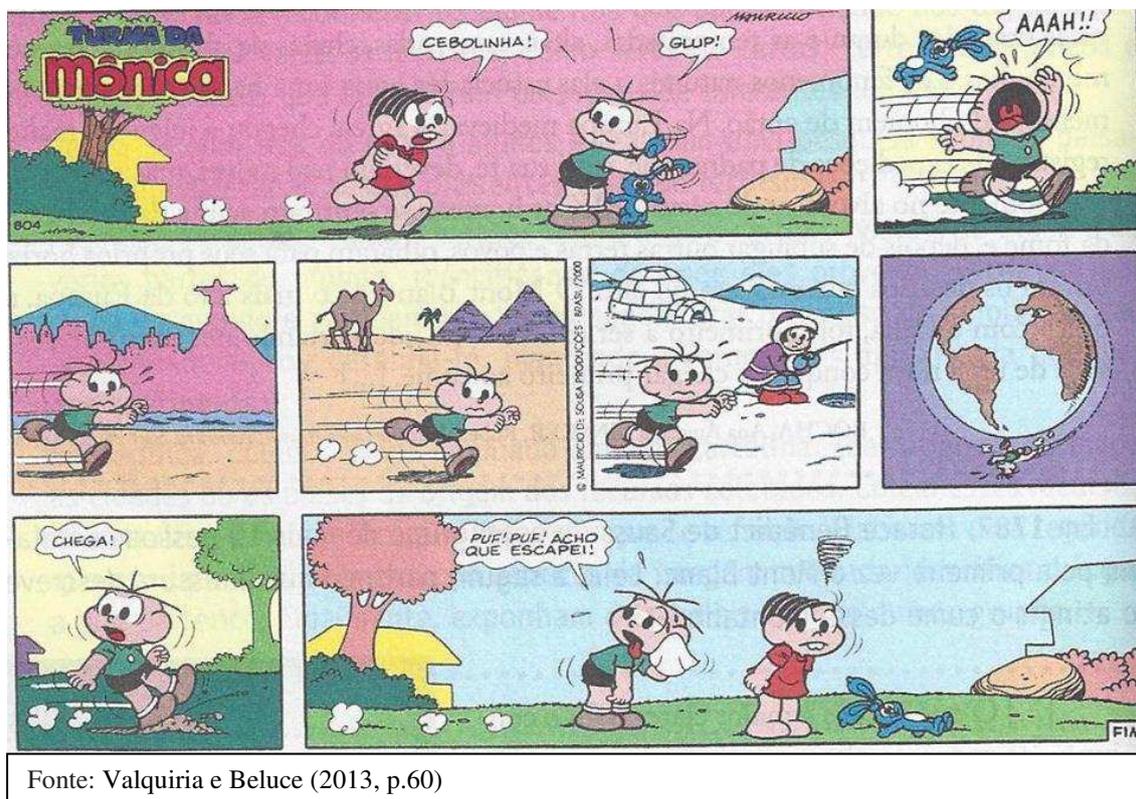
Figura 18: A natureza pede socorro



A HQ apresenta elementos do resultado de práticas que degradam os recursos hídricos, a fauna e flora, etc. resultantes da ação humana. Tal conscientização é muito importante no combate às práticas destrutivas do meio ambiente, demonstrando que as pessoas têm que se mobilizar contra estas práticas.

A figura número 19 também inicia o capítulo intitulado “As paisagens e as relações entre seus elementos: relevo e hidrografia”, abordando sobre os diferentes tipos de paisagens presentes no planeta Terra.

Figura 19: Cebolinha e a volta ao mundo



Fonte: Valquiria e Beluce (2013, p.60)

A HQ contribuiria para os estudantes avançarem de conhecimentos espontâneos para os científicos no processo de construção do conhecimento, podendo ser observadas as diferenças do clima, e sua influência sobre a fauna e flora, em cada local presente nos quadrinhos.

Na figura número 20, retirada do livro do 7º ano, trabalha-se com o tema “Rural e Urbano: as duas faces do território brasileiro”, abordando sobre as principais características destas zonas, além das migrações que ocorrem, cada vez com maior frequência, a partir do processo de urbanização.

Figura 20: A perseguição pela urbanização



Fonte: Valquiria e Beluce (2013, p.109)

A expansão das franjas urbanas, adentrando cada vez mais na zona rural é um processo que traz diversas problemáticas, entre elas as ambientais. Na HQ pode ser observada a crítica que é feita em relação à impossibilidade de se fugir do urbano, demonstrando ser um material adequado na corroboração do conteúdo trabalhado.

Adentrando na temática da globalização, a figura número 21 do livro do 8º ano, abre o capítulo “Mundo desenvolvido e Mundo subdesenvolvido”, iniciando uma discussão sobre as desigualdades sociais, fruto do sistema capitalista, dominante no contexto mundial atual.

Figura 21: Globalização e desigualdade

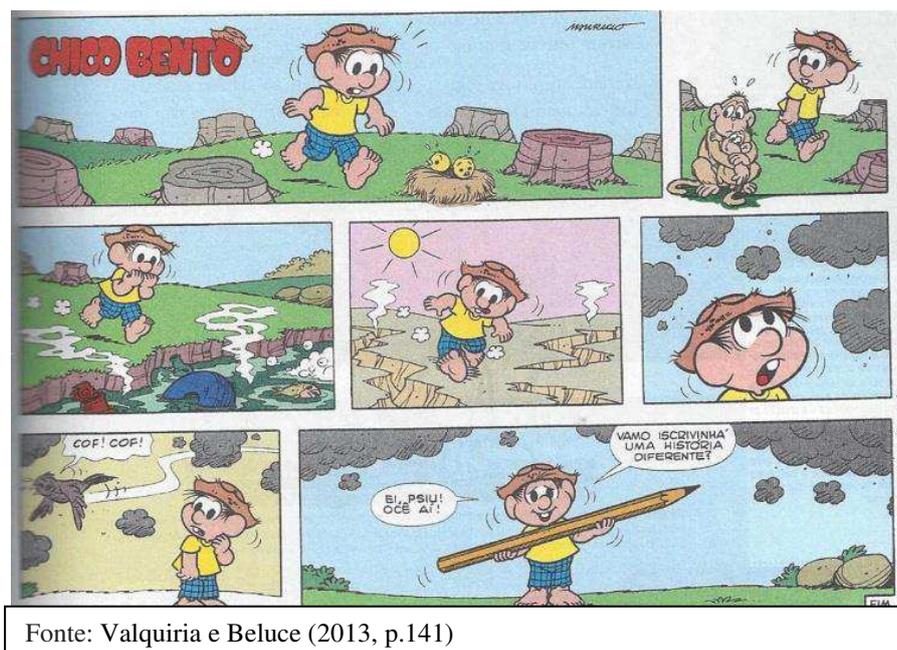


Fonte: Valquiria e Beluce (2013, p.102)

A HQ relata que as condições básicas de vida são uma utopia para determinados grupos sociais vivendo as margens da miséria, pois vivemos em uma sociedade repleta de injustiças sociais, demonstrando haver mundos diferentes conforme as classes sociais.

Na figura número 22, do livro do 7º ano, é abordada a temática sobre o “Centro-Sul” do Brasil, trazendo suas atividades econômicas e outras informações sobre a referida região, retomando novamente a discussão a respeito da ação humana no meio ambiente.

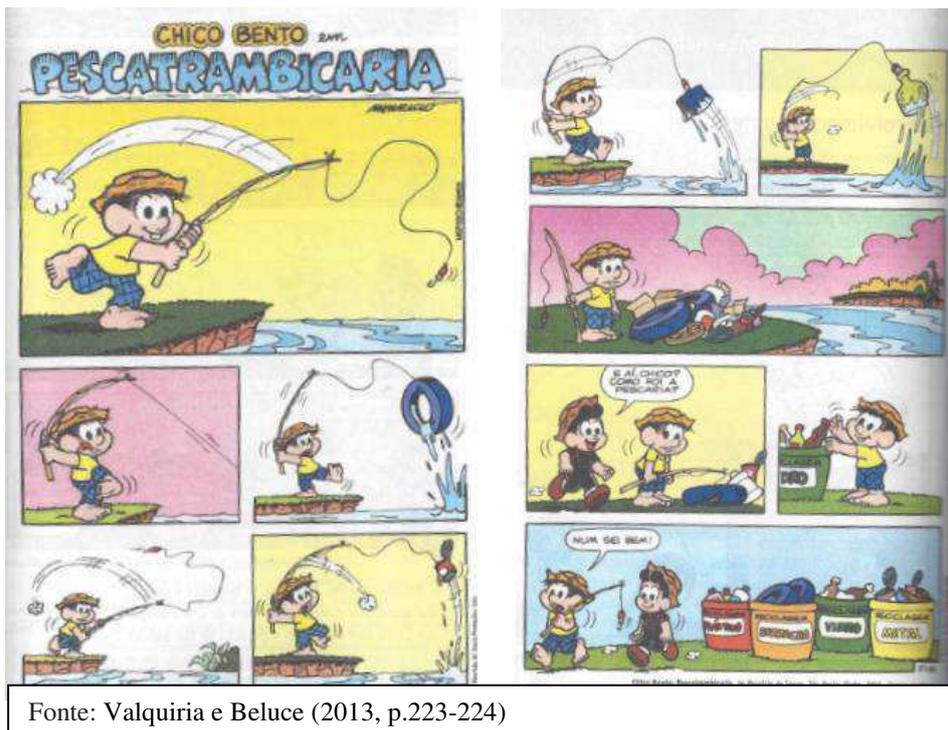
Figura 22: Reescrevendo nossa história



Tal HQ refere-se a questão da preservação do meio ambiente, só que dessa vez solicitando que o leitor reescreva a história dando uma nova possibilidade de um futuro sem esta degradação. E este chamamento, numa das regiões mais industrializadas do país, é muito importante, mostrando que a discussão tem que ser feita por todas as pessoas da sociedade.

Na mesma coleção, no final de cada livro, também existe um caderno de atividades complementares aos capítulos, em que são encontradas outras HQs, como é o caso da figura de número 24, novamente referindo-se à temática sobre desenvolvimento sustentável. No entanto, questionamos: será que no sistema capitalista o desenvolvimento pode ser sustentável?

Figura 24: Chico Bento e a reciclagem



A HQ incentiva à prática da reciclagem, pois quando os lixos e dejetos são depositados em locais indevidos, ampliam a degradação dos recursos hídricos, entre outros. Além disso, apresenta aos alunos os diferentes materiais recicláveis, e suas lixeiras correspondentes.

### 3.1.5 Coleção TELÁRIS

A coleção Teláris é a mais utilizada nas escolas de Campina Grande. Nestes livros didáticos há a predominância de tirinhas da personagem Mafalda. A figura número 24 foi retirada do livro do 9º ano, dentro do conteúdo “Regiões econômicas: Norte e Sul”.

Figura 24: Desigualdade entre os países



A HQ anterior também aparece como abertura de capítulo, trabalhando o tema “Regiões geoeconômicas: Norte e Sul”, gerando reflexões sobre os países mais desenvolvidos encontrarem-se ao norte do globo e os subdesenvolvidos no Sul. Esta é uma questão perpassada pela ideologia dos países que elaboraram, historicamente, as produções cartográficas, tentando impor a sua “superioridade”, afinal não existe um Norte definido em nosso globo terrestre, mas sim o Norte geográfico, que servirá para nos situarmos de acordo com as coordenadas geográficas.

As demais HQS encontram-se inseridas nas atividades que finalizam os capítulos contribuindo na conclusão dos conteúdos abordados, como é o caso da figura número 25, retirada do livro do 6º ano, a partir do assunto “Formas e movimentos da Terra”.

Figura 25: O movimento rotatório da Terra



A tirinha, a qual traz uma forma humorística de tratar o tema, que aborda os movimentos rotacionais do globo terrestre, construindo saberes sobre a gravidade, a rotação e translação da Terra, contribui de forma lúdica para a aprendizagem em questão, demonstrando que aprender pode ser prazeroso.

No livro do 6º ano, do qual foi retirada a figura número 25, temos a temática “Lugar e Território”, dois dos conceitos chaves da geografia, que retrata uma breve reflexão sobre as relações cidade e campo. Além disso, remete à discussão sobre o conceito de lugar, pelo qual um dos personagens aborda a relação de pertencimento à área urbana e falta de identificação com o campo, causando estranhamento por uma das personagens por não encontrar elementos predominantes das cidades e áreas urbanizadas.

Figura 26: Rural e urbano



Fonte: Vesentini (2013, p.20).

Dessa forma, quando a personagem relata sobre a necessidade de outdoors na natureza, faz uma crítica às invasões do mundo urbano nos espaços rurais e como isto está impregnado nas mentes dos cidadãos. Elementos como rios, lagos, maior número de árvores, os animais predominantes da zona rural, podem ser retomados, pois tornam-se necessários para o abastecimento de produtos utilizados nas cidades, em que os alunos devem analisar as inter-relações entre as áreas, pois são indispensáveis uma para outra.

Tal discussão pode trazer também outras problemáticas relacionando aos demais conceitos-chaves da Geografia, mas deveria ser complementada com estudos de campo ou utilização de outras imagens urbanas e rurais, que poderiam ser trazidas para sala de aula, inclusive através de vídeos.

Mesmo encontrando uma quantidade razoável de HQs em duas das três coleções analisadas, identificamos que este ainda é um material insuficiente no livro didático. Além disso, há a predominância de histórias da Turma da Mônica. E mesmo não desvalorizando nosso artista nacional Mauricio de Souza, poderiam ser enfatizados outros autores, abrindo um novo leque de possibilidades a serem trabalhadas no ensino, como alguns dos exemplos que foram apresentados no Capítulo II, em que o professor pode trazê-las além do conteúdo do livro didático, como um complemento para suas aulas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificamos, a partir da análise feita anteriormente, que as histórias em quadrinhos, ainda aparecem de forma tímida nos livros didáticos e, em alguns casos, ocorrendo apenas de forma ilustrativa, como nos livros utilizados na cidade de Campina Grande.

Além disso, há uma predominância das questões ambientais. Não estamos diminuindo a importância desta temática, mas enfatizando que as HQS poderiam abordar uma série de outros temas.

Nesta perspectiva, as histórias em quadrinhos entram como um importante recurso nas práticas de ensino, pois tais tirinhas apresentam grande aceitação entre o público juvenil, sendo uma linguagem utilizada cotidianamente por eles. Dessa forma, as HQS deveriam aparecer de forma mais contundente nos livros didáticos, pois une o lúdico à aprendizagem.

Desse modo, salientamos a importância do uso de linguagens alternativas para se ensinar Geografia, como forma de potencializar os conteúdos e tornar a aprendizagem mais significativa. Para tanto, é necessário que o professor faça uso destas linguagens em sua prática pedagógica, estimulando o aluno a refletir e pensar o conteúdo geográfico por meio de elementos presentes em seu cotidiano. E, isto, pode ocorrer também para além do livro didático, porque os docentes poderiam encontrar estes materiais com muita facilidade em nossa sociedade.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Alexandre; RAMOS, Paulo; RAMA, Ângela; VERGUEIRO, Waldomiro. (orgs.). **Como utilizar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4. ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais, ética**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CAVALCANTI, Lana S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papyrus, 1998. 192 p.

\_\_\_\_\_. **O ensino de geografia na escola**. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

CERVO, Amado L.; Bervian, P. A.; Silva, R. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CONCEITO DE GEEK. Disponível em: <[www.significados.com.br/geeks.html](http://www.significados.com.br/geeks.html)> Acesso em: 17. Jul.2017.

EISNER, Will. **Narrativas gráficas de Will Eister**; São Paulo: Devir, 2005. 173 p.

GANGORRA, Alexandre. **Mafalda: Geografia e muita reflexão**. Ano: 2013. Disponível em: <[profalexandregangorra.blogspot.com.br/2013/03/mafalda-geografia-e-muita-reflexao.html](http://profalexandregangorra.blogspot.com.br/2013/03/mafalda-geografia-e-muita-reflexao.html)> Acesso em 2. Jul. 2017.

GARCIA, Valquíria Pires.; Beluce, Bellucci. **Projeto Rádix**. São Paulo. Ed. : Scipione, 2013.

KRAKHECKE, Carlos A. **Representações da guerra fria nas histórias em quadrinhos Batman- cavaleiro das trevas e Watchmen (1979-1987)**. [Tese de Mestrado em Geografia] Porto Alegre, Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2009.

LIMA, Romise Inez de.; Tonini, Ivaine Maria. Na sala de aula: a África de meus alunos. In: CASTROGIOVANNI (org.). **Movimentos para ensinar Geografia**. Porto Alegre: Editora Letra 1, 2016. Pág. 235-254.

LIRA, Sônia M. O ensino de geografia, a construção do conhecimento geográfico e a operacionalização da prática docente. In: FARIAS, Paulo Sérgio Farias; OLIVEIRA, Marlene Macario de. (orgs.). **A formação docente em geografia: Teoria e práticas**. Campina Grande: EDUFCG, 2014. Pág. 299-320

MORAIS, Clarissa Inlau de; Tonini. I.M. **Olhar entre as páginas: o consumismo nos livros didáticos de geografia**. In: CASTROGIOVANNI (org.). **Movimentos para ensinar Geografia**. Porto Alegre: Editora Letra 1, 2016. Pág. 219-234

PEREZ, Luana Castro Alves. **"Charges"**. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/redacao/charges.htm>>. Acesso em: julho de 2017.

PONTUSCHKA, Nidia Nacib; PAGANELLI, Takomo Iyda; CACETE, Nibia Hanglei. **Para ensinar e aprender geografia**. 3ª ed. – São Paulo: Cortez, 2009. 383 p.

REGO, Nelson; CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos; KAERCHER, Nestor André. **Geografia: Práticas para o ensino médio: Volume 2.** – Porto Alegre: Penso, 2011.

SILVA, Eunice I. **A linguagem dos quadrinhos na mediação do ensino de Geografia: Charges e quadrinhos no uso da cidade.** [Tese de doutorado em Geografia] Goiânia: UFG, 2010.

SILVA, Josélia S. SILVA, G.A.F. Histórias em quadrinhos no ensino de Geografia: exemplos da prática. In: SILVA, Josélia Saraiva e. **Construindo ferramentas para o ensino de geografia.** Teresina: EDUFPI, 2011 p.61-76.

TAVARES, Noaldo J. A. AZEVEDO, S. L. M. O livro didático de Geografia: Perspectivas institucionais e critérios de adoção nas escolas públicas de Campina Grande-PB. Revista Rios, ano 10 – n.10, Paulo Afonso-BA, 2014. P. 84-101.

TOLEDO, Vinicius L. **Vigilantes reais e guerra-fria nos quadrinhos de watchmen na década de 1980.** [Dissertação de Mestrado] Cidade onde defendeu a dissertação: UNEB, 2011.

TONINI, Ivaine M. **Para pensar o ensino de Geografia a partir de uma cultura visual.** In: Rego, Nelson. Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio. Porto Alegre: Penso, 2011. p.93-103.

VEDOVATE, Fernando Carlo (organizador). **Projeto Araribá: geografia.** São Paulo. Ed. Moderna. 2014.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo. **Quadrinhos na educação: Da rejeição à prática.** 1.<sup>a</sup> ed. 2.<sup>a</sup> reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

VESENTINI, J. William; Vlach, Vânia. **Projeto Teláris: geografia.** São Paulo. Ed. Ática. 2012.

VIANA, Bartira A. S. SILVA, K. C. O uso do cinema como recurso didático nas aulas de Geografia. In: SILVA, Josélia Saraiva e. **Construindo ferramentas para o ensino de geografia.** Teresina: EDUFPI, 2011 p.31-46

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1991. 392 p.